

Design participativo, gênero e artesanato: reflexões sobre a lacuna de equidade de gênero entre mulheres artesãs

Participatory design, gender and craftwork: reflections on gender equity gap among female artisans

Paulo Vitor Araujo Souza.

Luiza Gomes Duarte de Farias.

Raquel Gomes Noronha.

O presente artigo busca entender como o design participativo se relaciona com questões de gênero e poder em comunidades artesãs. Reuniu-se, assim, um conjunto de dados teóricos acerca de colaborações entre designers e comunidades de artesãs. Para isso, recorreu-se ao método de Revisão Sistemática de Literatura (BRIZOLA e FANTIN, 2016), caracterizado por garantir um mapeamento com ampla possibilidade de detecção de experiências registradas em trabalhos científicos sobre o tema em questão. O resultado consiste em um mapeamento organizado de dados acerca de vivências de designers que se permitiram experimentar processos participativos, justos e equânimes no âmbito da pesquisa com artesãs, trazendo vinte trabalhos identificados para este debate.

Palavras-chave: design participativo; gênero; artesanato.

This article seeks to understand how participatory design relates to issues of gender and power in artisan communities. Thus, a set of theoretical data was gathered about collaborations between designers and artisan communities. To carry out this task, the Systematic Literature Review research method was used (BRIZOLA and FANTIN, 2016), characterized by ensuring a mapping with ample possibility of detecting experiences recorded in scientific works on the subject in question. The result is an organized mapping of data about the experiences of designers who allowed themselves to experience participatory, fair and equitable processes within the scope of research with artisans, bringing twenty identified works to this debate.

Keywords: participatory design; gender; craftwork.

A prática do artesanato é muito presente na cultura do Brasil. Borges (2011) aponta que existam, no mínimo, 8,5 milhões de profissionais nesse ofício, considerando a existência de mais profissionais não contabilizados por trabalharem informalmente e não se cadastrarem em programas governamentais (BORGES, 2011). A pesquisa pode oferecer-nos noções diversas sobre as vivências socioculturais cotidianas de vários grupos de pessoas, sendo possível observar características plasmadas nas produções artesanais, ao analisá-las e compreendê-las em suas esferas estéticas, sensíveis, simbólicas e subjetivas. Sobre essa característica da prática artesanal, Keller afirma: “O artesanato é aqui concebido como um fenômeno heterogêneo, complexo e diversificado. Como uma forma de expressão cultural entre a tradição e a contemporaneidade” (KELLER, 2014, p. 324).

Assim, deve-se enfatizar que a complexidade desse ofício não deve ser desconsiderada quando este for tratado como objeto de estudo, observando-se, então, a necessidade de buscar meios de pesquisa dialógicos em todas as etapas do processo de pesquisa. Para isso, deve se atentar para não fazer uso de práticas hierárquicas e que criem situações de subjugação, pois essas distanciam o pesquisador dos outros sujeitos e sujeitas em pesquisa.

Noronha (2020) reflete sobre o artesanato a partir do conceito de zona de contato, cunhado por Mary Louise Pratt (PRATT apud NORONHA, 2020). Para Noronha (2020), a produção artesanal é uma encruzilhada discursiva. Envolve questões como identidade étnica, o problema fundiário no Brasil, a abordagem turística e o direcionamento do artesanato a esse fim, corroborando a visão de Keller. Um dos fatos que compõem essa encruzilhada discursiva é que a grande maioria das pessoas que trabalham com artesanato são mulheres e essas artesãs não estão imunes aos problemas comuns às trabalhadoras brasileiras de outras áreas, que diariamente precisam lidar dentro e fora de seus ambientes de trabalho com os males provenientes da opressiva cultura machista e patriarcal, responsável pelo aprofundamento da lacuna de gênero.

O Fórum Econômico Mundial (2005) define como pilares de mensuração da lacuna na equidade de gênero os seguintes fatores: empoderamento político, saúde e bem-estar, participação econômica e acesso à educação. Tendo essas informações e tomando-as como parâmetros, encontramos um interessante elemento para composição de ferramentas que facilitem o diálogo com mulheres artesãs em situação de vulnerabilidade.

Este artigo apresenta os resultados iniciais de um projeto de pesquisa do Núcleo de Pesquisas NIDA da Universidade Federal do Maranhão, que possui como objetivo o monitoramento das lacunas de equidade de gênero em grupos artesanais compostos por mulheres. Na investigação, buscamos entender como o design participativo pode atuar como investigador da pauta de equidade de gênero no interior dessas comunidades artesanais, tendo em vista que, quando este é vivenciado de forma plena, pode proporcionar processos de inovação social que levem em consideração as especificidades e o saber local, através da criação de espaços de experimentação e imaginação coletiva, trazendo resultados benéficos para essas e por essas comunidades, como apontaram Farias, Noronha e Barbosa (2021).

Na intenção de entender com mais profundidade como se encontra o estado da arte dessas pesquisas e projetos de design que exploram o tema das questões de gênero presentes na prática do artesanato, recorre-se aqui à Revisão Sistemática da Literatura, também conhecido como meta-análise (BRIZOLA e FANTIN, 2016). Nesse método, temos a possibilidade de organizar nosso estudo de uma forma agrupada e organizada, preparando um terreno fértil para novas pesquisas relacionadas, além de possibilitar a construção de uma ferramenta de monitoramento da lacuna de gênero, que será a próxima etapa da pesquisa em questão. O documento apresentado foi construído a partir de critérios predefinidos pensando no que já se tinha em termos de noção do assunto desta pesquisa, pleiteando uma coleção de dados de apoio recolhidos em bancos de dados especializados que foram curados com a finalidade de se ter credibilidade durante este trabalho.

2 Abordagem teórica

Frente aos desafios do mundo contemporâneo globalizado, o design vê-se atravessado frequentemente por práticas que emergem dentro de um contexto de complexidade, em que o design extrapola o âmbito tecnicista e linear e passa a habitar o campo dos atributos intangíveis dos artefatos e processos (MORAES, 2008). Os desafios em se lidar com a complexidade podem ser observados, por exemplo, quando projetos consideram conceitos ricos de diversidade que acabam por apagar identidades tradicionais ou quando processos corroboram para uma falsa noção de inclusão de mulheres em debates sobre o trabalho, dissipando diálogos necessários acerca de equidade e democracia no âmbito profissional e econômico. Assim, tais contextos e questões problemáticas requerem um posicionamento crítico e situado em prol de práticas criativas mais transformadoras, nas quais os designers atuem como mediadores de processos culturais (MANZINI, 2015).

O fazer artesanal, aqui, assume o papel de interface de questões de poder complexas, como a desigualdade de gênero, vistas, por exemplo, na organização de trabalho nas comunidades de artesãs, abrindo espaço para análises acerca dos pilares de mensuração da lacuna de gênero. A invisibilidade da atividade artesanal é uma das consequências destas lacunas, levando ao entendimento do artesanato apenas por seu caráter identitário, seus valores simbólicos e emocionais, ou seja, observado apenas como uma extensão dos afazeres domésticos, o que desvaloriza seu potencial de geração de trabalho e renda (Noronha, Portela e Farias 2022). Tal pensamento ecoa nas discussões de Silvia Federici (2019), acerca da invisibilidade do trabalho doméstico como trabalho de produção e a sobrecarga feminina por conta da acumulação de atividades.

Para Escobar (2016), a autonomia consiste em uma forma de autocracia e autorregulação de comunidades, que traz à tona uma abordagem de sociedade matrística, isto é, caracterizada pela communalidade, a relacionalidade, a convivência entre todos os seres e os tempos cílicos da natureza. Isto implica dizer que, ao contrário dos modos patriarcais de se conceber processos de design hierárquicos e neutralizantes, considera-se a prática de um design autônomo, que busque a participação e o diálogo entre os diversos pontos de vistas e visões de mundos.

Segundo Tunstall (2013), o design auxilia no combate das desigualdades quando desenha em conjunto com os sistemas de valores de comunidades vulneráveis. Traduzindo tais valores por meio de projetos participativos, um compromisso dialógico se traça na produção da autonomia que, no caso das mulheres artesãs, direciona-se a um processo de empoderamento político, econômico, educacional e emocional, em vias de diminuir as barreiras e discrepâncias entre os gêneros.

A partir deste pensamento, evidencia-se a necessidade de se colocar em ação fórmulas que convidem essas artesãs em situação de subalternidade para diálogos horizontais. O design participativo surge, então, como uma abordagem capaz de atuar diretamente neste processo de construção de pontes entre círculos de pessoas, pois gera sistemas e artefatos que provocam mudanças na sociedade, considerando território, tradições e os materiais disponíveis (Sousa, Barbosa e Noronha, 2022). A redistribuição de poder criativo observada em projetos de design participativo podem trazer benefícios às comunidades de artesanato, construindo futuras realidades mais justas, com direitos, representatividade e autonomia efetiva.

A busca por um fazer que conduza à autonomia das artesãs na pesquisa é um modo de possibilitar a tomada de consciência, que guiam processos de decisões e imaginação coletiva. Tais ações são facilitadas por ferramentas de design, materialidades que articulam conceitos teóricos e práticas concretas, com as quais os atores interagem para cocriar cenários futuros, atuando tanto como objetos elicitadores, quanto resultados das discussões (HALSE et al., 2010).

3 Metodologia

Esta revisão foi feita seguindo os protocolos recomendados por Crossan e Apaydin (2009), que foram úteis na organização, coleta e análise dos dados encontrados em estudos empíricos, teóricos e de revisão em prol da evidenciação dos resultados obtidos por autores diversos no que tange às artesãs, pautas de gênero, relações de poder e como esses assuntos se relacionam e se entrecruzam. A presente revisão sistemática busca responder à seguinte questão: como o design participativo se relaciona com questões de gênero e poder em comunidades artesãs?

Para o início da atividade de coleta de dados, definiu-se os seguintes parâmetros: quais as bases de dados e palavras-chaves que seriam usadas na busca, área de concentração, período em que foram publicados os resultados, idiomas nos quais a pesquisa foi publicada, os critérios de inclusão e os critérios de exclusão.

Inicialmente, determinou-se que a seleção dos trabalhos seria estritamente da área de design, publicados nos últimos sete anos e na língua portuguesa e inglesa. As bases de dados selecionadas como ferramentas para a pesquisa foram variadas e distintas, porém tem como característica comum a credibilidade, são estas: CAPES, BDTD, Google Scholar, sciELO, Blucher Proceedings (indicada por conter os anais dos principais congressos de Design do Brasil, como: P&D; CIDI; SDS; etc).

Além disso, definiram-se como documentos válidos para inclusão na presente RSL: Artigos Científicos Empíricos (aqueles em que o escritor vai à campo experimentar os dados da realidade), Artigos Científicos Teóricos (no qual, em cima de dados, se desenvolvem argumentos teóricos), Artigos Científicos de Revisão (apresenta dados reunidos em pesquisa bibliográfica sobre determinado assunto), Dissertações e Teses.

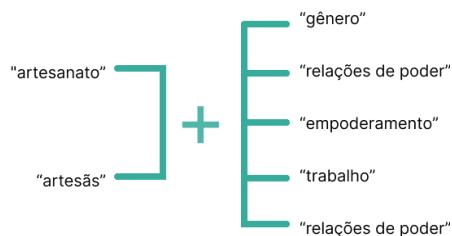
Entre os critérios de inclusão, buscou-se pesquisas que se relacionam com o questionamento da pesquisa e com a combinação das palavras-chaves elencadas. Já como critérios de exclusão, foram descartadas pesquisas nas bases de dados de acesso restrito, trabalhos sem relação com a questão da pesquisa e que tratasse isoladamente sobre cada uma das palavras-chaves.

Quadro 1 - Lista de parâmetros

- Bases de Dados: CAPES, BDTD, Google Scholar, sciELO, Blucher Proceedings (indicada por conter os anais dos principais congressos de design do Brasil, como: P&D; CIDI; SDS e etc).
- Área de concentração: Design
- Tipo de documento: Artigos Científicos Empíricos, Artigos Científicos Teóricos, Artigos Científicos de Revisão, Dissertações e Teses.
- Período: Artigos Científicos, Dissertações e Teses publicados nos últimos 7 anos.
- Palavras-chaves: Artesanato, artesãs, gênero, relações de poder, empoderamento, trabalho, crafts, handicrafts, craftswomen, artisans, gender, empowerment, power relationships, craftwork
- Idioma: Tanto trabalhos em Português quanto trabalhos em Inglês.
- Critérios de inclusão: Pesquisas que tenham relação com o questionamento da pesquisa; pesquisas que relacionem as palavras-chave.
- Critérios de exclusão: Pesquisas duplicadas nas bases de dados de acesso restrito/restrito para arquivamento (*download*); Pesquisas que não tenham relação com o questionamento da pesquisa; Pesquisas que tratem isoladamente as palavras-chave.

Os trabalhos foram encontrados a partir de combinações de palavras-chave previamente estabelecidas, que serviram de filtração de resultados nas plataformas de pesquisa. A associação de termos com a maior quantidade de dados encontrados consistiu em “artesanato” e “gênero”, com oito trabalhos levantados no total. Levando em conta a combinação entre as palavras-chave, abaixo, encontram-se as palavras e as combinações propostas.

Figura 1 - Combinações de Palavras-chave.



Fonte: autores

Foi possível, desta forma, identificar vinte trabalhos no total, distribuídos nas seguintes categorias de documentos. Não houve necessidade de se excluir algum trabalho, pois todos os documentos levantados atenderam aos parâmetros da RSL.

Quadro 2 - Classificação de trabalhos encontrados.

Tipo de Trabalho	Número de trabalhos
Artigos Empíricos	13
Artigos Teóricos	1
Artigos de Revisão	0
Dissertações	4
Teses	1
Monografias	1
Total de trabalhos	20

Fonte: autores

Prezou-se pela variedade de tipos de produções científicas, esperando-se que as diferentes categorias de escritos garantissem uma maior riqueza de pontos de vista a respeito das conexões entre gênero, artesanato, empoderamento e relações de poder, o que exige uma quantidade abundante de informações.

Figuras 2 e 3 - Trabalhos selecionados

Artigos

A Diluição Das Fronteiras da Cultura de Gênero Nos Ateliês do Artesanato de Miriti	Ribeiro, Bezerra e Ferreira	2018	Onde Estão As Mulheres? Os Lugares Das Artesãs Na Comunidade Do Alto Do Moura-PE	Souza et al.	2020
Grupos De Artesanato Na Atenção Primária Como Apoio em Saúde Mental de Mulheres: Estudo de Implementação	Alves et al.	2020	Design Anthropology como Práticas Colaborativas: Correspondências Entre Artesãs Designers e Sementes No Maracanã - São Luís - MA	Santos e Noronha	2020
O Processo de (Des)empoderamento Das Mulheres Na Associação Dos Artesãos de Porto Nacional	Oliveira e Parente	2021	A Arte Figurativa de Mestras-artesãs do Alto Do Moura, Caruaru-PE e Os Sentidos Estéticos e Sensíveis Sobre Questões de Gênero	Silva e Carvalho	2021
O Barro Em Flor: O Olhar do Design Sobre A Produção Cerâmica Artesanal de Um Grupo de Mulheres do Alto Do Moura - Caruaru/PE	Santos, Barbosa e Silva	2018	Codesign e Empoderamento: A Produção de Jogos Com As Quebra-deiras de Coco E Seus Rebentos Em São Caetano - MA	Noronha e Araújo	2018
Tecer E Empoderar: As Entrelinhas Do Saber-fazer do Crochê De Um Grupo de Mulheres Artesãs	Lemes e Pereira	2020	Abordagem Sobre Trabalho Artesanal Em Histórias de Vida de Mulheres	Márcia da Silva	2015
Design, Gênero e Metaprojeto: A Construção de Uma Ferramenta Para Fotoelicitação de Uma Comunidade	Portela et al.	2018	O Ateliê Mundo Novo e a formação profissional e cidadã de Mulheres para o Artesanato	Bianca Vieira	2019
Artesanato Como Trabalho Feminino: Relações de Gênero Na Produção Têxtil No Município Mineiro Resende Costa, MG	Junior e Carvalho	2021	Reflexões Sobre O Trabalho e A Cidadania das Artesãs de Jaguariaí/RJ	Miriel Herrmann	2017

Teses, dissertações e monografias

Correspondências Por Meio de Ferramentas de Design: Artesanato e empoderamento (ou aprisionamento)	Raiama Portela	2018	Cooperativa De Mulheres Agricultoras E Artesãs De São Ludgero/SC: Desconstrução E Continuidades de Desigualdades de Gênero em Contextos de Divisão Sexual do Trabalho	Suzane Grimm	2020
Gênero E Trabalho No Maciço De Baturité: Pratagonismo, Poder e Artesanato de Mulheres	Santana Maia	2018	O Artesanato Na Vida das Mulheres Camponesas do Assentamento Curitiba-MA	Clorismar Souza	2017
Criar, A Que Será Que Se Destina? (Sentidos Do Processo Criativo Em Encontros e Desencontros Entre Artesãs e Designers, Sob O Signo Do Empreendedorismo, Na Cooperativização Em Teresina-PI)	Carol Barbosa	2018	A Transmissão de Saberes Tradicionais E O Empoderamento de Mulheres: Uma Análise A Partir de Uma Política Pública Cultural	Flávia Pacheco	2019

Fonte: autores

Ao realizar essas buscas e compilar os dados nos deparamos com o esperado dilúvio de informações descrito por Levy (1999). A amostragem de resultados foi satisfatória e passou por devida filtragem, excluindo de antemão os resultados que não condizem com os resultados esperados descritos nos critérios de inclusão. Já os resultados condizentes, foram todos documentados e incluídos nesse documento, dando destaque a aqueles que melhor se relacionam com nossa linha de pesquisa e que poderiam vir a responder as perguntas norteadoras da RSL.

4 Resultados

4.1. Análise Descritiva

A pesquisa em epígrafe nos revela que a conservação dos saberes deve-se à transmissibilidade contida nas dinâmicas das famílias que trabalham com artesanato (PACHECO, 2019). Tendo como base os objetivos desta RSL, cuja questão norteadora é “Como o design participativo se relaciona com questões de gênero e poder em comunidades artesãs?”, observou-se alguns tópicos-chaves.

O primeiro ponto destacado a partir da revisão aborda a questão do artesanato ser predominantemente um trabalho feminino. No Brasil, segundo o IBGE, 8,5 milhões pessoas trabalham na produção de artesanato e 87% são mulheres (LEMES e PEREIRA, 2020). Esta configuração pôde ser constatada em vários dos trabalhos aqui reunidos, um deles foi o artigo empírico de Soares Júnior e Carvalho (2021) que teve como metodologia uma “pesquisa de caráter exploratório, entrelaçada a um levantamento bibliográfico e análise documental” (SOARES, JUNIOR e CARVALHO, 2021, p. 2), gerando bases teóricas para uma análise qualitativa em campo. O trabalho supracitado confirmou que, nas comunidades estudadas, o artesanato é uma herança familiar e feminina, pois todas as artesãs que contribuíram com a pesquisa revelaram que aprenderam o ofício com suas respectivas mães e avós.

Apesar dos números e casos observados na realidade do artesanato no país, essas brasileiras não recebem os devidos créditos e, em determinadas comunidades, como no caso do Alto do Moura – PE, apresentado por Souza et al. (2020) em artigo empírico, foi revelado que o reconhecimento das mulheres é posto em segundo plano e as mesmas costumam ficar encarregadas de funções menos valorizadas (que necessitam de menor nível de responsabilidade), não sendo lembradas em homenagens feitas pelo governo, como já ocorreu anteriormente com artesãos homens. São situações como essa que contribuem para o desprezo de pautas advindas do universo da mulher trabalhadora, pois a construção da falsa noção de que o artesanato é algo realizado predominantemente pelo homem artesão cisgênero gera ruídos nos diálogos de nivelamento de poderes na realidade da produção artesanal, deixando mulheres artesãs ao léu do esquecimento e sendo subassistidas.

A segunda questão trata da sobrecarga de tarefas enfrentada por mulheres artesãs. Além de, por vezes, ficarem encarregadas de funções menos valorizadas dentro da divisão do trabalho artesanal, como boa parte das outras profissionais do Brasil, os trabalhos científicos selecionados nos mostram que as artesãs estão sujeitas à condição de dupla jornada de trabalho, como aponta Federici (2019), quando ocorre um processo de invisibilização do trabalho artesanal feminino. As mulheres não só trabalham como artesãs, mas também executam tarefas domésticas, com o agravante de que as divisões dessas tarefas também são injustas, pois os homens costumam ajudar menos com os ofícios do lar, o que acarreta uma sobrecarga de trabalho para as mulheres (GRIMM, 2020).

Aqui expõe-se uma das pautas do universo da mulher trabalhadora previamente citadas. Assim, a divulgação e fomento de pesquisas que considerem as necessidades das mulheres do artesanato servem para intervir em situações como essas e impedir que a saúde mental e logo, a vida dessas artesãs, estejam em risco.

Esse quadro de relações desiguais de poderes é resultado do errôneo pensamento machista e patriarcal de que as mulheres devem trabalhar em casa por possuírem habilidades inatas que às destinam para essa área. Em artigo teórico produzido a partir de pesquisa-formação, Silva (2015) contrapõe tal perspectiva ao apontar que o contexto de desigualdade entre os gêneros é resultado de construções sociais e não de destinos biológicos, como por muitos séculos se supôs com a naturalização de paradigmas patriarcais. As artesãs são mais um exemplo de como, ainda nos dias de hoje, trabalhadoras carregam pesos advindos de lógicas velhas de preconceito e violência, que aprisionam mulheres em ciclos que beneficiam o machismo e que se vale desses silenciamentos de vozes para justificar o desprezo de pautas sociais.

Se quisermos quebrar esse fluxo de violência contra trabalhadoras é necessário pensar em novas lógicas de configuração de trabalho que levem ao empoderamento na vida dessas mulheres

através da prática do artesanato. Esses novos desenhos de estruturação no trabalho das artesãs poderão, inclusive, sanar problemas organizacionais como os vistos na pesquisa apresentada na dissertação de Barbosa (2018), que constatou diversos problemas de coesão num grupo de artesãs piauiense devido a falhas e instabilidades em sua liderança.

É importante pontuar que as más condições de trabalho enfrentadas por essas mulheres são bastante danosas tanto à saúde mental, quanto à saúde física. Tal apontamento nos leva ao terceiro tópico trazido, que consiste na relação conflituosa entre empoderamento e o desempoderamento. Essas consequências foram constatadas no artigo científico empírico de Alves et al. (2020), que realizaram um estudo em análise qualitativa, observando a implementação de um acompanhamento psicológico específico para grupos de artesanato formados por mulheres. Segundo as autoras, essas consequências contribuem para o agravamento de quadros de saúde, como diabetes e hipertensão, e à baixa autoestima, aspectos associados a outras marcações de vulnerabilidade com as quais convivem as artesãs, como baixa renda e escolaridade, históricos de violência e ausência de redes sociais de apoio.

Essa situação coloca em risco o próprio *status* de cidadania dessas mulheres. Tereza Kleba Lisboa (2009) aponta que as mulheres “desempoderadas” são pessoas excluídas de direitos mínimos, sem acesso ao poder de voz, poder de ação coletiva e poder político (por não partilhar de decisões), não tendo o poder psicológico advindo da consciência individual de força, a autora afirma também que a condição financeira dessas mulheres é responsável por tal condição, por garantir que estas permaneçam em desempoderamento (LISBOA, 2009).

O processo de desempoderamento citado por esses autores já foi também estudado por Oliveira e Parente (2017) no campo do empreendimento e artesanato na Associação de Artesãos do Porto Nacional em Tocantins. Nesta pesquisa, identificou-se através das narrativas das mulheres que trabalham com artesanato, fatores que podem impulsionar e/ou inibir o empoderamento. Foi possível perceber que estas mulheres de Porto Nacional - TO passam por um lento e positivo momento de transformação que acontece por meio de estímulos relacionados a boa organização do grupo (que frequenta reuniões, encontros e feiras de comercialização).

Este é um processo que comprehende duas dimensões, a individual e a social: na individual, existe uma relação direta com a competência, habilidade, autoestima, bem como a confiança em si mesma como ser humano, pois nas ocasiões em que estão juntas, essas mulheres compartilham suas vidas, suas histórias, e a força transmitida pela sócia-amiga-companheira acaba contribuindo com o fortalecimento de sua autoestima e confiança. Já na dimensão coletiva, as atividades desenvolvidas e/ou vistas no âmbito da gestão do empreendimento, faz com que essas mulheres desenvolvam-se em um contexto mais social e comunitário, pois na medida em que o contato com o público acontece, sua visão acerca do grupo é ampliada e o papel de liderança passa a ser exercitado, o que na esfera doméstica não ocorre (OLIVEIRA e PARENTE, 2017, p. 16)

Desempoderamento, nocivo a integridade dessas mulheres, está ligado ao afastamento e também afasta as mulheres de redes de apoio. Garantir o acesso dessas mulheres a círculos organizados de política, educação e produção artesanal na companhia de sócias, amigas e companheiras é garantir que essas mulheres terão acesso a um poder transformador interno e por consequência externo (coletivo, no local onde elas vivem) na realidade das artesãs. Na coletividade, há uma soma de poderes com a potência de estreitar as barreiras que impedem tanto as mulheres, quanto sua produção artesanal de se moverem de forma autônoma.

Na dissertação apresentada por Vieira (2019), a autora discorre sobre uma pesquisa etnográfica (qualitativa e exploratória) realizada em um ateliê de artesanato do Rio de Janeiro, são apresentados uma série de pontos extraídos na observação das atividades do grupo, que são responsáveis pela autoestima e pela formação profissional dessas artesãs. Tais pontos tratam acerca da organização, o que converge com o que foi visto no trabalho citado anteriormente e com a reflexão sobre o senso de proximidade que uma boa organização social requer.

O quarto ponto trata das implicações entre mudanças positivas e o perigo em se analisar a condição de empoderamento das mulheres a partir de uma observação superficial do contexto. É certo que existem avanços no campo do empoderamento feminino, observados nessas comunidades, nas quais cada vez mais mulheres despertam noções de identidade, gênero e direito. No artigo empírico de Ribeiro, Bezerra e Ferreira (2018), por exemplo, vimos o caso de como artesãs e artesãos de brinquedos têm ultrapassado as barreiras impostas pela produção engendrada, desempenhando papéis produtivos “pertencentes” a outros gêneros que não os seus. Os autores concluem que para chegar nesse resultado é necessário considerar a “fluidez dos significados e contestações e negociações” entre os trabalhadores. Deve-se atentar que ainda existe um longo caminho para se percorrer para se atingir uma equidade de gênero no Brasil, considerando-se que aqui os gêneros não gozam dos mesmos níveis de Participação Econômica, Empoderamento Político, Avanço Educacional e Saúde e Bem Estar. Muitas artesãs desconhecem seus próprios direitos (HERRMANN, 2017), logo, faz-se importante estarmos atentos às novas características do machismo e do ideário patriarcal. Sobre estas reflexões, Souza et al (2020) comentam de forma sucinta em seu artigo:

Se, inicialmente, algumas artesãs não tinham sequer o direito de estudar e “ficavam escondidas vendo as aulas do irmão para poder aprender” (FOR), hoje o machismo se reinventou e acontece de forma mais sutil e disfarçada, na qual as mulheres têm uma certa “autonomia” para desenvolver atividades produtivas, desde que cumpram suas “obrigações domésticas”, como cuidado com a casa, família etc. (SOUZA et al., 2020, p. 5)

Esse é mais um dos fatores que acabam condicionando essas trabalhadoras a uma rotina de estresse advinda da sobrecarga de trabalho doméstico e produtivo, sujeitando-as às psicopatologias relacionadas a esgotamento físico (SILVA e LIMA, 2012).

Quanto ao pertinente papel do design participativo em relação às questões de gênero, pode-se perceber, principalmente no levantamento dos artigos de autoria de pesquisadoras do NIDA/UFMA, um crescente esforço em se pensar novas abordagens participativas que ocasionam a tomada de consciência de mulheres artesãs sobre qual lugar ocupa o empoderamento em suas vidas, através de experimentos de codesign e imaginação coletiva.

No tópico "O Papel do Design Na Contemporaneidade" em sua dissertação, Raiama Portela (2018) expõe pontos importantes acerca de como o design pode ser uma ferramenta útil de manutenção social, inclusive citando autores importantes da área como Manzini (2016) e Papanek (1970). Nos tempos atuais, mais do que observar as consequências negativas de seu trabalho (danos ao meio ambiente, geração de padrões de comportamento e etc), os designers precisam ter uma preocupação com o aspecto social da prática. A autora explicita a necessidade de se abandonar um pensamento mecanicista e evitar fazer reconhecimentos superficiais das pessoas com as quais o designer trabalha e virá a trabalhar em conjunto, considerando-os indivíduos colaboradores de sua pesquisa a partir de uma abordagem holística, apontamentos importantes para a construção de uma nova cultura de pesquisas na área.

4.2 Síntese

A partir da coleção de documentos selecionados para revisão, pode-se ter um panorama amplo sobre o estado do trabalho artesanal realizado por mulheres no Brasil, possibilitando o entendimento de como o design, enquanto uma ferramenta onto-epistemológica, construtora de visões de mundos (ESCOBAR, 2016), pode eliciar e intervir em tais questões.

Alguns grupos de designers realizam trabalhos de caráter participativo, trabalhando em conjunto com essas comunidades, a fim de melhor entender essas realidades através de metaprojetos que refletem sobre as mesmas, sobre o design em si e também sobre o pesquisar, como nos casos de pesquisas de Omitidas et al. (2017), Omitida(2018) e Omitida (2020).

Apropriando-se dos conceitos democráticos e coletivos do design participativo, pode-se estabelecer um desenho de pesquisa em que todas as vozes (nesta pesquisa, mulheres artesãs de comunidades tradicionais) serão levadas de fato em consideração no debate sobre a equidade de gênero, propiciando que estes participantes tenham um confortável espaço de expressão, onde poderão falar de suas dores, conquistas, anseios, medos, para além de uma perspectiva unilateral e/ou exploratória. Com o intuito de mapear os indicadores de equidade de gênero definidos pelo Fórum Econômico Mundial, busca-se um diálogo a ser conduzido de forma natural entre as artesãs, dando margem para projetos que busquem propor mudanças positivas nesse cenário.

Apesar de todas as adversidades, as artesãs, que fizeram parte destas pesquisas, demonstraram que acreditam no potencial de suas peças, expressando orgulho e resistência com relação aos seus próprios trabalhos, e, mesmo aquelas que ainda não o fazem, desejam expor seus produtos em outras localidades para que estes possam ser vistos por mais pessoas (SOUSA, 2020).

Aqui, comprova-se que os cuidados metodológicos descritos por Spinuzzi (2005) são cabíveis à realidade das artesãs brasileiras, pois, se os conceitos do design participativo forem bem explorados pelos designers e pelas artesãs, se terá como resultado uma relação entre esses dois grupos que dará protagonismo às mulheres em situação de vulnerabilidade social, o que resultará no fortalecimento de suas saúde física e mental, promovendo autonomia em suas vidas, ampliando sua geração de renda e a visibilidade dos seus saberes e fazeres e seus territórios. Isto contribuirá na preservação dos valores culturais de cada comunidade artesã, atribuindo-lhes autonomia frente às influências externas e aspectos colonizadores, como defenderam Farias, Noronha e Barbosa (2021).

5 Considerações finais

Ao fazer um levantamento de como se encontra o quadro das pesquisas e projetos em design de caráter participativo realizados a partir do ano de 2015, observa-se que a pluralidade encontrada nos diferentes tipos de peças de artesanato também é encontrada nas configurações organizacionais de cada comunidade. Apesar dessas diferenças, pode-se constatar que quando mulheres se unem verdadeiramente e se lideram, o resultado costuma ser positivo, pois as reuniões dos grupos de artesanato podem acabar servindo como uma assembleia que oferece a elas esperança e perspectiva de futuro.

Nesse contexto, encontra-se um boa oportunidade de atuação para o design participativo, devido ao seu caráter democrático. Torna-se evidente que a resposta para a pergunta "como o design participativo pode contribuir para o mapeamento dos indicadores de empoderamento em comunidades artesãs?" não pode ser respondida apenas por um designer, mas também pelas artesãs com as quais irão colaborar. A colaboração entre ambos auxilia no processo de mudança no quadro já apontado por Scrase (2003), que reflete que o trabalho artesanal no terceiro mundo é, por natureza, exploratório, havendo também uma divisão de trabalho intensiva e baseada em classe e gênero.

Estas características tornam urgente a necessidade de pesquisas e projetos que sirvam para intervir na situação de exploração e machismo encontrada em comunidades de artesanato ao redor do Brasil, revelando-se o design participativo como uma alternativa de melhoria das lógicas de trabalho dessas comunidades, como foi constatado na presente pesquisa.

Tal abordagem pode atuar como uma parte importante no desenvolvimento de processos relacionados à autonomia, responsáveis por garantir coesão e equidade social e promover práticas criativas de planejamento e trabalho que não sejam unilaterais no fazer artesanal. Considerando outras realidades, ou seja, garantindo que todas as partes de um projeto estarão de fato agindo por si próprias e para si próprias, o design participativo possibilita a co-construção de um futuro de dignidade, respeito e saúde, através de uma condição laboral justa e, de fato, recompensadora.

Espera-se que essa revisão sistemática de literatura contribua como um ensejo para a concepção de trabalhos que envolvam artesãs e designers. Desse modo, pretende-se materializar tais análises por meio de ferramentas coletivas, como as observadas nos trabalhos levantados durante nossa pesquisa, que valorizem de fato as vozes de todas as trabalhadoras envolvidas na produção artesanal, expondo suas insatisfações e desejos e buscando uma melhoria de suas vidas através da autonomia. Para atingir tal objetivo, nós, enquanto pesquisadores, devemos questionar certas práticas impositivas em campo, assumindo uma nova postura em prol de um pensar verdadeiramente coletivo.

6 Referências

ALVES, Kali Vénus Gracie et al . Grupos de artesanato na atenção primária como apoio em saúde mental de mulheres: estudo de implementação. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 25, n. 1, p. 102-112, mar. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2020000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2022. <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20200010>.

BARBOSA, C. A. **Criar, a que será que se destina?** (Sentidos do processo criativo em encontros e desencontros entre artesãs e designers, sob o signo do empreendedorismo, na Cooperart- Poty em Teresina-PI). 2018. 304 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. Disponível em https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10163935#. Acesso em 13 de dezembro 2021.

BRIZOLA, J.;FANTIN, N. Revisão da Literatura e Revisão Sistemática da Literatura. **Revista De Educação Do Vale Do Arinos - RELVA**, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2016. Disponível de <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em 4 de março de 2022.

COELHO, C. C.; LAGO, M. C. S.; LISBOA, T. K. et al. **Leituras de Resistência:** Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: Mulheres, 2009.

CROSSAN, M. M.; APAYDIN, M. A Multi-Dimensional Framework of Organizational Innovation: A Systematic Review of the Literature. **Journal of Management Studies**, v. 47, issue 6, p. 1154-1191, 30 set. 2009. Blackwell Publishing Ltd and Society for the Advancement of Management Studies doi: 10.1111/j.1467-6486.2009.00880.x. 2009.

Design Participativo. In: A Plataforma Aberta de Pesquisa e Desenvolvimento em Codesign. 2014. Disponível em http://www.codesign.net.br/wiki/index.php?title=Design_Participativo. Acesso em 14 de dezembro de 2021.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y Diseño:** la realización de lo comunal. Sello Editorial. Popayán, Universidad del Cauca: 2016

FARIAS, L. G. D.; NORONHA, R. G.; BARBOSA, S. L. P. Prototipando serviços com artesã(o)s maranhenses: um mapeamento de ferramentas para a construção de Sistemas Produto + Serviço", p. 149-158 . In: **Anais da II Jornada de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Design - UFMA**. São Paulo: Blucher, 2021. Disponível em <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/prototipando-servios-com-artesos-maranhense-um-mapeamento-de-ferramentas-para-a-construo-de-sistemas-produto-servio-36628>. Acesso em 4 de Março de 2022.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL, Empoderamento de mulheres. **Avaliação das disparidades globais de gênero**. Genebra, 2005.

GRIMM, S. Cooperativa de Mulheres Agricultoras e Artesãs de São Ludgero/SC:
Desconstrução e Continuidades de Desigualdades de Gênero em Contextos de Divisão Sexual do Trabalho. Dissertação (Programa de Pós-Graduação) - Faculdade de Desenvolvimento Socioeconômico, Universidade Extremo Sul Catarinense. 2020.

HALSE, J.; BRANDT, E.; CLARK, B.; BINDER, T. (Eds.). Rehearsing the future.
Copenhagen: The Danish Design School Press, 2010.

HERRMANN, Miriel Bilhalva. Reflexões sobre o trabalho e a cidadania das artesãs de Jaguarão/RS. 23p. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2017. Disponível em <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/2417> Acesso em 13 de dezembro de 2021.

KELLER, P. F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. In: **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO**, [S. l.], v. 2, n. 41, 2014. Disponível em:
<https://sigaa.ufma.br/sigaa/verProducao?idProducao=1001463&key=7f6191884bbdf6654463db6411840ce8>. Acesso em 4 de março de 2022.

LEMES B. X.; PEREIRA A. F. Tecer e Empoderar: As Entrelinhas do Saber-Fazer Do Crochê De Um Grupo De Mulheres Artesãs. In: **Multitemas**, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, v. 25, n. 59, p. 169-190, jan./abr. 2020, Disponível em
<https://www.interacoes.ucdb.br/multitemas/article/view/2704/1881>. Acesso em 13 de dezembro de 2021.

MAIA, S. G. Gênero e Trabalho no Maciço de Baturité: Protagonismo, Poder e Artesanato de Mulheres. Dissertação (Mestrado em Design) - Faculdade de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Ceará. 2018.

MANZINI, Ezio. **Design, when everybody design.** An introduction to Design for Social innovation. The MIT Press. Cambridge/London: 2015.

MORAES, Dijon de. Design e complexidade. In: MORAES, D.; KRUCKEN, L. (org.). **Cadernos de Estudos Avançados em Design:** transversalidade. Belo Horizonte: EdUEMG, 2008.

NORONHA, R. G.; ARAÚJO M. G. Codesign e Empoderamento: A Produção de Jogos Com As Quebra-deiras de Coco e Seus Rebentos Em São Caetano - Maranhão. In: **Revista Conexão UEPG**, v. 15, n. 1, p. 017-024, 2018. Disponível em
<https://www.redalyc.org/journal/5141/514161705002/>. Acesso em 13 de dezembro 2021.

NORONHA, R. G.; PORTELA, R. L.; FARIA, L. G. D.. **Design, artesanato e participação:** reflexões para a autonomia produtiva de mulheres artesãs no Maranhão. Prêmio 15 anos de Políticas para Mulheres no Maranhão (SEMU/FAPEMA). No prelo.

OLIVEIRA, M. D. M.; PARENTE, T. G. O processo de (des)empoderamento das mulheres na Associação dos Artesãos de Porto Nacional. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30009> Acesso em 13 de dezembro de 2021.

PACHECO, F. L. A Transmissão De Saberes Tradicionais E O Empoderamento De Mulheres: Uma Análise A Partir de Uma Política Pública Cultural. Tese (Programa de Pós-Graduação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2019.

PORTELA, R. L. **Correspondências por meio de ferramentas de design:** artesanato e empoderamento (ou aprisionamento?). Dissertação (Mestrado em Design) - PPGDg-UFMA, Universidade Federal do Maranhão. Maranhão. 2018.

PORTELA, R. L. et al. Design Gênero e Metaprojeto: A Construção De Uma Ferramenta Para Fotoelicitação Em Uma Comunidade. In: **Anais do Colóquio Internacional de Design 2017**, São Paulo, 2018. p. 366-379, Disponível em <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/28142> Acesso em 13 de dezembro de 2021.

RIBEIRO J. O.; BEZERRA L. C.; FERREIRA T. M. A Diluição Das Fronteiras De Gênero Nos Ateliês Do Artesanato de Miriti. In: **IV Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade -** Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/81.pdf> Acesso em 13 de dezembro 2021.

SANTOS M. B.; BARBOSA M. A.; SILVA G. G. O Barro em Flor: o olhar de um grupo de mulheres do Alto do Moura – Caruaru/PE. Pernambuco, In: **Anais do VIII SDS 2021**, [S.L.], p. 460-471, 19 nov. 2021. Disponível em <https://eventos.ufpr.br/sds/sds/paper/view/4507/0> Acesso em 13 de dezembro de 2021.

SANTOS T.; NORONHA R. G. Design Anthropology como práticas colaborativas: correspondências entre artesãs, designers e sementes no Maracanã - São Luís - MA. In: **PDC 2020 - Full Papers / Proceedings**, vol. 3, p. 151-159, 2020 Disponível em <http://www.pdc2020.org/wp-content/uploads/2020/06/Design-Anthropology-como-praticas-colaborativas-correspondencias-entre-artesas-designers-e-sementes-no-Maracan%C3%A3-S%C3%A3o-Lu%C3%ADs-MA.pdf> Acesso em 13 de dezembro de 2021.

SCRASE T. J. Precarious Production: Globalization and Artisan Labour in the Third World. In: **Third World Quarterly**, v. 24 , n. 3, p. 449-461, UK, 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3993379> Acesso em 18 de março de 2022.

SILVA, D. M.; LIMA, A. O. Mulher, trabalho e família na cena contemporânea. In: **Contextos Clínicos**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 45-51, 18 jun. 2012. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2012.51.05> Acesso em 04 de março de 2022.

SILVA, I. G. S.; CARVALHO, M. F.. Arte figurativa de mestras-artesãs do Alto do Moura, Caruaru - PE, e os sentidos estéticos e sensíveis sobre questões de gênero. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 31-48, 1 jun. 2021. Universidade do Estado de Santa Catarina.. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/19869/12997> Acesso em 13 de dezembro de 2021.

SILVA, M. A. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 55, p. 247-260, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO) Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/jPjKVMtsYxWtXznnXM9tT4D/abstract/?lang=pt#> Acesso em 13 de dezembro de 2021.

SOARES JUNIOR, G. .; ALVES DE CARVALHO, A. Artesanato como trabalho feminino: relações de gênero na produção têxtil no município mineiro Resende Costa, MG. **Seminário Virtual da Mulher**, [S. l.], 2021. Dísponevel em <https://anais.eventos.iff.edu.br/index.php/svmulher/article/view/41> Acesso em 13 de dezembro de 2021.

SOUSA, C. P. **O Artesanato na Vida das Mulheres Campesinas do Assentamento Curitiba-MA**. Monografia - Faculdade de Educação do Campo com habilidade em Artes e Música - Universidade Federal do Tocantins. 2020.

SOUZA, D. C. et al. Onde Estão As Mulheres? Os Lugares Das Artesãs Na Comunidade Do Alto Do Moura-PE. In: **XLIV ENCONTRO DA ANPAD - EnANPAD 2020**, Paraná, 14 de outubro de 2020 Disponível em http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjgwOTk= Acesso em 13 de dezembro de 2013.

SOUZA, F. D. S.; BARBOSA, S. L. P.; NORONHA, R. G. Rumo a outros designs: análise de práticas participativas em processos criativos com artesãos. In: **Design, Comunidades Criativas e Saberes Locais:** experiências do PROCAD-AM (UFMA-UEMG-UFPR). Curitiba: Editora Insight, 2022. p. 145-162.

SPINUZZI, Clay. The Methodology Of Participatory Design. **Technical COMMUNICATION**, Texas, ano 52, n. 2, p. 163 – 174, mai., 2005.

TUNSTALL, E. Decolonizing Design Innovation: Design Anthropology, Critical Anthropology, and Indigenous Knowledge. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Ed.). **Design Anthropology: Theory and Practice**, p.232-263. Bloomsbury: London, New York, 2013.

VIEIRA, B. S. **O Ateliê Mundo Novo e a formação profissional e cidadã de mulheres para o artesanato.** Dissertação (Mestrado em Gestão da Economia Criativa) - Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM/RJ, 2019.